

Artigo

Entre Estados e Estádios: as caravanas de Torcidas Organizadas como experiências de deriva urbana

  JOÃO VITOR CARDOSO SUDÁRIO

Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói,
Rio de Janeiro, Brasil.
joavitorcsudario@gmail.com

Boletim Paulista de Geografia

Nº: 115

Ano: 2026

SUDÁRIO, João Vitor Cardoso. Entre Estados e Estádios: as caravanas de Torcidas Organizadas como experiências de deriva urbana. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 115, p. 137–154, 2026.

<https://doi.org/10.61636/bpg.v1i115.3904>.

Recebido em: 06 de junho de 2025

Aceito para publicação em: 24 de janeiro de 2026

Editor responsável: Igor Alencar



Entre Estados e Estádios: as caravanas de Torcidas Organizadas de futebol como experiências de deriva urbana

Resumo

O presente texto pretende abordar o fenômeno das viagens de torcidas organizadas – popularmente conhecidas no meio como caravanas - como uma experiência de deriva urbana. A pesquisa tem como objetivo descrever e analisar as experiências itinerantes dos torcedores organizados de futebol no Brasil, tendo em vista fatores que podem facilitar ou dificultar o trajeto, como a dimensão territorial do país, o sistema de amizade e inimizade entre torcidas e o papel das forças de segurança. Como metodologia operacional, a utilização da deriva se relaciona com a atividade de imersão em campo, visto que as derivas têm como condição a possibilidade de viajar. Para isso, a pesquisa busca momentos oportunos que expressam aproximações e diferenças dos modos de derivar a partir das imersões de campo, em contextos como as caravanas das torcidas para acompanhar o Clube de Regatas do Flamengo em Minas Gerais contra Cruzeiro e Atlético Mineiro (2022-2024). Quanto aos resultados da pesquisa, notou-se que o ato de viajar é uma característica necessária para a vivência torcedora, aproximando aqueles que compartilham do mesmo modo de vida e separando os diferentes. Além disso, em encontro com a metodologia da deriva, foi possível perceber que o deslocamento territorial dos torcedores – mesmo com rotas bem definidas – estava inscrito em uma série de situações que demandam rapidez, estratégia e trabalho coletivo para a solução das situações que por ventura aparecem no caminho.

Palavras-chave: Deriva; Estádios; Torcidas Organizadas; Geografia; Futebol.

Between States and Stadiums: Caravans of Organized Football Supporters as Experiences of Urban Drift

Abstract

This study examines the phenomenon of organized football supporters travel—commonly referred to as "caravans"—as an experience of urban drifting. The research aims to describe and analyze the mobile practices of organized supporters in Brazil, considering structural and relational factors that shape their trajectories, such as the country's territorial scale, networks of alliances and rivalries among supporter groups, and the role of security forces. Methodologically, the notion of drift (deriva) is mobilized not only as a conceptual tool but also as a fieldwork strategy, emphasizing immersion and movement. Drifting presupposes the possibility of travel, and the research seeks to identify key moments that reveal convergences and divergences in these experiences across field immersions. Empirical observations are grounded in caravan journeys accompanying Clube de Regatas do Flamengo to matches against Cruzeiro and Atlético Mineiro in Minas Gerais (2022–2024). Findings suggest that mobility constitutes a fundamental dimension of supporter identity, reinforcing bonds among those who share this lifestyle while distinguishing them from others. Furthermore, in alignment with the concept of drift, the journeys undertaken by supporters—though structured by predetermined routes—are marked by contingencies that demand agility, strategic coordination, and collective problem-solving. These dynamics reveal the complexity of territorial circulation within the broader context of football fandom in Brazil.

Keywords: Deriva; Stadiums; Torcidas Organizadas; Geography; Football.

Resumen

Este estudio examina el fenómeno de los desplazamientos de hinchas organizados del fútbol —comúnmente conocidos como "caravanas"— como una experiencia de deriva urbana. La investigación tiene como objetivo describir y analizar las prácticas móviles de las hinchadas organizadas en Brasil, considerando factores estructurales y relacionales que configuran sus trayectorias, tales como la escala territorial del país, las redes de alianzas y rivalidades entre grupos de hinchas, y el papel de las fuerzas de seguridad. Metodológicamente, se moviliza la noción de deriva no solo como herramienta conceptual, sino también como estrategia de trabajo de campo, con énfasis en la inmersión y el movimiento. Derivar presupone la posibilidad del desplazamiento, y la investigación busca identificar momentos clave que revelen convergencias y divergencias en estas experiencias a lo largo de las inmersiones de campo. Las observaciones empíricas se fundamentan en viajes en caravana acompañando al Clube de Regatas do Flamengo en partidos contra Cruzeiro y Atlético Mineiro en Minas Gerais (2022–2024). Los hallazgos sugieren que la movilidad constituye una dimensión fundamental de la identidad del hincha, reforzando los lazos entre quienes comparten este estilo de vida y diferenciándolos de otros. Además, en consonancia con la noción de deriva, los desplazamientos emprendidos por los hinchas —aunque estructurados por rutas predeterminadas— están marcados por contingencias que exigen agilidad, coordinación estratégica y resolución colectiva de problemas. Estas dinámicas revelan la complejidad de la circulación territorial en el contexto más amplio del fanatismo futbolístico en Brasil.

Palabras-clave: Deriva; Estadios; Hinchadas; Geografía; Fútbol.

Introdução

O torcedor de futebol tem, por característica, uma relação simbiótica com o clube para o qual torce. É como uma relação de vida: nasce, cresce, se dedica para cumprir seus objetivos torcedores e depois de um tempo, se retira dessa rotina (por idade ou outros fatores, como sua condição financeira e ausência de tempo para estar presente). Esta talvez seja a maneira mais simplória de destacar a linearidade da vida de um torcedor. É nesse processo de dedicação ao seu clube que o torcedor, para se sentir cada vez mais pertencido, começa a se deslocar em escalas municipais, estaduais, nacionais e, dependendo do contexto, internacionais. O viajar, ou melhor, o deslocamento territorial, passa a existir na realidade como um modo de vida torcedora, construindo sua participação ativa, seja em “casa”¹ ou não. Antes de nos aprofundarmos no ato de viajar, precisamos primeiro entender sobre o torcedor de clube de futebol.

Bernardo Buarque de Hollanda (2009) em seu texto “Futebol, Arte e Política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor” explica, a partir do conceito de catarse – apoiado em bases filosóficas – como o efeito sobre o público observador dos teatros encontra semelhança com o público espectador das partidas do esporte bretão, mesmo com as contradições entre os frequentadores, uma

¹ O sentido de “casa” em nossa pesquisa faz referência ao mando de campo do clube para o qual o torcedor se identifica. Quando se utiliza a expressão “jogo em casa” subentende-se qual clube tem o mando da partida. O contrário, ou seja, os jogos “fora de casa” significam que o clube jogará de visitante e sua, torcida, por sua vez, terá de se deslocar para acompanhar a partida. Os jogos fora implicam no “viajar”, característica muito importante em nosso texto.

vez que o primeiro tem um viés elitista e o segundo características de massificação e popularização. Para construir esse raciocínio, o autor busca também explorar os diferentes nomes que o indivíduo que acompanha um clube de futebol recebe ao longo do mundo, sobretudo a partir das práticas corpóreas e culturais de determinada população, e, conclui, que a alcunha “torcedor” é uma denominação particular ao caso brasileiro. Tal afirmação é melhor sinalizada:

A palavra *torcedor*, oriunda do verbo *torcer*, era consignada pelos cronistas com base em uma observação pitoresca feita nos dias de jogo: em meio aos lances de indefinição e expectativa anteriores ao arremate de um gol, lenços eram torcidos e contorcidos na arquibancada por parte do público feminino presente que, conhecido pela contenção e pela moderação verbal, contrastantes com os gritos, os berros e os impropérios mais permissivos ao público masculino, exprimia de maneira sutil seu sofrimento com as tensões emanadas da partida. Usados pelas mulheres de início para a saudação aos jogadores do time no decorrer do ritual futebolístico – seja a entrada da equipe em campo, seja a comemoração da vitória de sua equipe –, junto às fitas coloridas que serviam de adorno e de distintivo clubístico aos chapéus de cada espectador, a torção de tais adereços passou a simbolizar os gestos de aflição, bem como, os efeitos de contração do corpo a que se submetia de um modo generalizado todo e qualquer torcedor (Hollanda, 2009, p. 133).

Para melhor contextualizar o fenômeno de formação do torcedor de futebol, urge a necessidade de um exercício de história, e também de Geografia, dos esportes e das cidades brasileiras enquanto cenário de diferentes ambiências, sendo desde o marco zero de vida – sua fundação - até os mais diversos meios de sobrevivência dos corpos, práticas, construções e vivências coletivas ou individuais. Gilmar Mascarenhas (1999), importante expoente no campo da Geografia dos Esportes e, sobretudo, do futebol, destaca em seus escritos a transição dos espaços coloniais para os espaços modernos de vida urbana no Brasil e, no caso do estudo específico, na cidade do Rio de Janeiro. Neste ponto, o destaque da cidade carioca se deve ao processo histórico do colonialismo português nas terras brasileiras, visto que a chegada da corte portuguesa trouxe consigo o hábito esportivo nos moldes que reverberam na atualidade, conforme aponta Melo (2014).

Mascarenhas, por sua vez, demonstra que o patamar dos esportes no Rio de Janeiro, assim como no restante do Brasil, tem uma guinada com a chegada dos britânicos e, conseqüentemente, de seus hábitos esportivos como a prática dos *sports* ao ar livre ou em espaços de lazer – sendo, claramente, espaços de lazer construídos e constituídos para as elites internacionais que chegavam nas novas cidades. É a elite inglesa quem controla os esportes nas urbes brasileiras até a primeira década dos anos 1900, visto que esportes como o futebol ainda se encontravam em um lugar incipiente no que diz respeito tanto à prática quanto à popularização – por estratégia, claro.

No entanto, Simões (2023) nos fala que a popularização do futebol é fruto direto das conquistas dos trabalhadores no Brasil, sendo eles imigrantes ou a nova classe trabalhadora brasileira que se formava

com o crescimento das cidades, divisão do trabalho e renovações dos modos de produção. E é a partir da popularização, mesmo em um processo conturbado, que o sujeito torcedor encontra lugar nas reflexões realizadas acima por Hollanda (2009) a respeito da formação do torcedor brasileiro. No que diz respeito ao público torcedor e à popularização do futebol – em escala profissional e no lazer assistido e praticado –, Irlan Simões nos fala:

O emprego da força de trabalho dos jogadores – primeiro de forma não oficial, posteriormente nos moldes “profissionalizados” – e a mobilização de uma série de outros tipos de trabalhadores e segmentos profissionais viabilizaram a produção contínua do “jogo de futebol” enquanto divertimento urbano, comercializável como espetáculo a ser assistido (por isso a “assistência”) em consumo presencial, pela via dos bilhetes de entrada nos estádios (Simões, 2023, p.34).

O debate sobre assistência já havia sido trabalhado por Toledo (2000) para demonstrar o papel dos esportes como possibilidades de serem assistidos – nos dois sentidos, de assistência torcedora (ligado ao ato de torcer) e assistir (ato de ver) – e também praticados. Em termos brasileiros, podemos contextualizar que o modelo de assistência torcedora ganhou notoriedade a partir dos anos 30, com o movimento das Torcidas Uniformizadas, geralmente com características ligadas aos símbolos do clube, como camisas e bandeiras. Posteriormente, o movimento das Uniformizadas deu origem às Torcidas Organizadas, ou seja, movimentos de torcedores dos clubes que se organizam com maior autonomia – política, econômica e estética - em relação ao clube, com vestimentas e ideologias específicas (Silva *et al*, 2010).

Notoriamente, as torcidas organizadas de futebol alcançaram seus ápices na segunda metade do século XX, sobretudo nas décadas dos 70 e 80. Neste sentido, agremiações como a Torcida Jovem do Flamengo (TJF), fundada em 1967, a Força Jovem do Vasco da Gama (FJV) em 1970, a Tricolor Independente (TTI) dois anos depois, a Máfia Azul do Cruzeiro, em 1977, e a Mancha Alvi-Verde (MAV) do Palmeiras, já na década de 80 são alguns exemplos de movimentos organizados de torcedores que surgiram nesse contexto. Dentre as características das torcidas organizadas, uma em questão a difere das uniformizadas em suas questões ideológicas: seguir o clube independente do lugar onde ele esteja. O viajar, nesse contexto, passa a ser uma característica dos torcedores organizados, frequentemente associados como mais “fanáticos”, ou seja, quem viaja tem, por direito adquirido, a possibilidade de se achar “mais torcedor” (Cabrera, 2022).

A respeito do viajar como “modo de vida”, Nicolás Cabrera (2022) explica que o deslocamento de torcedores é uma ferramenta importante para estabelecer o reconhecimento entre os diferentes – lêm-se rivais – e na construção de hierarquias entre os comuns. Se a mobilidade territorial começa a ganhar importância para a construção do modelo de torcedor de futebol, a definição de rotas se torna um

elemento central na organização desses momentos. Do contrário, sua desorganização pode vir a ocasionar problemas, deixando os torcedores com o sentimento de estar “à deriva”. O uso dessa expressão faz referência a uma corrente do pensamento urbano surgida nos meados da década de 60, a *Internacional Situacionista*. Os Situacionistas, ou seja, o grupo de pensadores composto por artistas, arquitetos e urbanistas, geógrafos e literatos, tinha como metodologia a utilização de derivas pela cidade para poder repensar a situação urbana da época. Essa perspectiva, como nos aponta Jacques (2003), tinha certa orientação metodológica para o desenvolvimento de situações, mas que poderia ser reformulada de acordo com as experiências psicogeográficas que se apresentassem.

Compreendendo que o processo de formação do torcedor de futebol está diretamente ligado à sua característica de acompanhar o seu clube onde for, independente das condições geográficas, o presente trabalho pretende abordar o fenômeno das viagens de torcidas organizadas – popularmente conhecidas no meio como caravanas - como uma experiência de deriva urbana. A pesquisa tem como objetivo descrever e analisar as experiências itinerantes dos torcedores organizados de futebol no Brasil, tendo em vista fatores que podem facilitar ou dificultar o trajeto, como a dimensão territorial do país, o sistema de amizade-inimizade entre torcidas e o papel das forças de segurança. Como metodologia operacional, a utilização da deriva se relaciona com a atividade de imersão em campo, visto que as derivas tem como condição a possibilidade de viajar (em sentido real e figurado)². Para isso, a pesquisa busca momentos oportunos que expressam aproximações e diferenças dos modos de derivar a partir das imersões de campo, em contextos como as caravanas das torcidas para acompanhar o Clube de Regatas do Flamengo em Minas Gerais contra Cruzeiro e Atlético Mineiro (2022-2024). A imersão consiste, basicamente, em acompanhar a movimentação em observações *in-loco* das torcidas rubro-negras antes, durante e depois de seu deslocamento entre estados e estádios no recorte temporal escolhido.

A Internacional Situacionista (IS) e a prática da Deriva como experiência metodológica

“Qual o interesse – quase meio século após a publicação dos primeiros textos – de se resgatar o pensamento situacionista sobre a cidade?” Questionou Paola Jacques (2003, p. 19) em seu livro “Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade”. A autora responde em seguida, discorrendo sobre a necessidade de se formar novos indivíduos dispostos a atuar criticamente no campo social, sobretudo em

² Cabrera (2021; 2024) trabalha a noção de viagem tanto em seu sentido real/prático de deslocamento como também apresenta o sentido simbólico/figurado das viagens como experiências subjetivas.

um viés contrário à espetacularização da vida cotidiana, característica a qual os Situacionistas buscavam combater enquanto ideologia.

É importante perceber que a crítica situacionista, ainda que dentro do contexto europeu dos anos 60, ganha destaque ao mesmo tempo que o movimento das torcidas uniformizadas e organizadas no Brasil. De forma semelhante, movimentos torcedores, assim como os pensadores da Internacional Situacionista, tinham, por concepção, uma mesma palavra como ideal: revolução. Para os primeiros, a revolução se daria nas arquibancadas, expressando suas diferentes manifestações do torcer e de se apropriar de espaços e territórios³. Os segundos, por sua vez, exigem mais nossa atenção e detalhamento quanto ao modo de agir e pensar.

Dias (2007) nos fala que a situação dos situacionistas é uma espécie de um jogo superior, jogo este que a autora define como a presença humana. E nesse jogo, de torcedores, pensadores e jogadores, para Jaques (2003, p.126) todos aqueles que se consideram revolucionários podem estar nas trincheiras junto da Internacional Situacionista (IS). Com intenção de retornar às emoções da/na cidade, os Situacionistas tinham como prática a criação de situações, fato que explica a origem do nome, seja ela em caráter global – ou seja, internacional – ou em escalas locais. Quanto aos situacionistas, Dias (2007) nos fala:

O situacionista definia a si mesmo como *"indivíduo que se dedica a construir situações"*. Este conceito de "situação", que nomeia o grupo, vai buscar suas bases na "teoria dos momentos", descrita por Lefebvre, e apoiar-se em uma intenção de incorporar a vida cotidiana às reflexões sobre arte, lazer e vida urbana (Dias, 2007, p.211).

Ainda que a princípio, as atitudes da Internacional Situacionista estivessem apoiadas também no pensamento de Henri Lefebvre, certas características de seu pensamento não agradavam a totalidade dos integrantes/pensadores, sendo criticado pelo grupo por diferentes questões políticas e teóricas. Fato é que neste momento não pretendemos realizar um juízo de valor ou desenvolver uma crítica mais elaborada a respeito das aproximações e distanciamentos entre os situacionistas e parte do pensamento lefebvriano. Para um caminho mais frutífero, pretendemos seguir compreendendo o desenvolvimento dos Situacionistas e suas relações com as cidades para que, dessa maneira, seja interessante construir pontos em comum entre caravanas de torcidas organizadas de futebol e as derivas situacionistas.

Figura importante para o movimento, Guy Ernest Debord é tido como um dos fundadores da Internacional Situacionista (IS) e, embora não tenha a visibilidade merecida em certos momentos, trouxe consigo novas maneiras de se pensar, organizar politicamente a cidade e expandir as ideias internacionalmente. Jaques (2003), sobre Debord, nos fala:

³ A noção de apropriação refere-se ao uso cotidiano, vivo e social do espaço (ver Lefebvre, 1974).

Debord fundou, com os integrantes dos outros grupos também presentes em Alba, a Internacional Situacionista. A IS passou rapidamente a ter adeptos em vários países, entre eles: Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca e Argélia. Entre 1958 e 1969, 12 números da revista IS foram publicados e, se nos primeiros seis números (até 1961) as questões tratavam basicamente da arte passando para uma preocupação mais centrada no urbanismo, estas se deslocaram “naturalmente” em seguida para as esferas propriamente políticas e, sobretudo revolucionárias, culminando na determinante e ativa participação situacionista nos eventos de maio de 1968 em Paris (Debord, 2003, p.18).

Se considerarmos o período de maio de 1968, o contexto do mundo traz consigo alguns pontos semelhantes. Em crescimento constante na França da época, as cenas revolucionárias eram perseguidas, resultando no ordenamento dos efetivos de força de controle e segurança dominantes nas localizações próximas às margens de seus rios e rotas de fuga, evidenciando um caráter de disputa pelo território. No Brasil, o ano de 68 marca um período de perseguição política e constantes confrontos em defesa da democracia, uma vez que, entre 1964 e 1985, o país estava sob controle de um governo militar-ditatorial. Fato é que as perspectivas revolucionárias provocam mudanças no meio geográfico em que as situações se inserem. Neste ponto, Debord e os Situacionistas se propuseram a estudar tais movimentos de mudança a partir de um termo denominado *psicogeografia*, que pode ser entendido como:

a psicogeografia seria o que explica e fundamenta a ação situacionista com mais profundidade. Revelada por experiências individuais, apresenta um método de abordagem da cidade que possibilita o estudo das relações e zonas de afetividade da mesma. (...) A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que age diretamente sobre o comportamento dos indivíduos (Dias, 2007, p. 215).

Para os Situacionistas, a psicogeografia era, portanto, a chave para entender as nuances da sociedade urbana e promover mudanças de consciência sobre os problemas das cidades à luz de uma sociedade cada vez mais espetacularizada. No entanto, a psicogeografia se constituía mais como uma perspectiva a princípio teórica, havendo a necessidade de encontrar, sobretudo em aspectos metodológicos, algum modelo prático que conversasse com as situações psicológicas e geográficas do sujeito em um cenário urbano. Portanto, pode-se dizer que a psicogeografia fornecia as bases teóricas para uma práxis defendida por Debord (Fernandes & Fernandes, 2017) que veio a ser denominada como *deriva*.

Dias (2007) em consonância com os escritos de Jacques (2003) vai definir, revisando o conceito, a prática da deriva como “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem rápida por ambiências variadas. Diz se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência” (Jacques, 2003, p.19 *apud* Dias, 2007). Ou seja, deriva é a capacidade de criar situações para se transpor diferentes ambientes. Neste ponto, conversar sobre a operacionalização de uma deriva é também discutir sobre caminhos teóricos e metodológicos de

experiência do urbano, sobretudo o urbano modificado e produzido por diferentes sujeitos com interesses e capacidades de criar situações distintas.

As autoras ainda trazem consigo uma informação que pode ser considerada chave para o entendimento de uma caravana de torcida organizada a partir de uma experiência de deriva. O conjunto das obras (Jacques, 2003; Dias, 2007) nos diz que o conceito de deriva está intimamente ligado ao de psicogeografia e tem, por natureza, um caráter lúdico em suas vivências, sendo contrário aos modos de viagens tradicionais, em que se privilegiam o caráter individualista de convivência, demarcado pela numeração de poltronas. Se estamos pensando em viagens de torcidas organizadas de futebol com o intuito de apoiar o seu time onde ele estiver, o ato de viajar, por si só, já não seria algo efetivamente comum e tão pouco tradicional, visto que não é uma parcela grande da sociedade que está disposta a passar horas, dias e até semanas dentro de um ônibus na estrada para ver o seu clube do coração jogar.

É, sobretudo a partir do ato de se deslocar, criando novas situações, que a deriva se mostra uma ferramenta metodológica de transformação do urbano pelo movimento de torcedores. Isto posto, ainda que os movimentos de deriva possam vir a ser algo “sem rumo definido”, certas mudanças podem acontecer no percurso e que irão exigir certa tomada de decisões para resolver as novas situações surgidas. Esta é, talvez, a capacidade mais imponente da prática, ou seja, saber se tornar dinâmico quando as adversidades aparecem pelo caminho. Tal efeito pode ser visto no futebol enquanto jogo praticado ou jogo vivido e percebido por aqueles que estão de fora, os torcedores. Retornaremos à discussão a partir do olhar dos torcedores em momentos posteriores de nosso texto.

Portanto, o que tentamos nessa parte do nosso texto foi propor uma releitura do cenário da Internacional Situacionista no mundo ao mesmo tempo em que pensamos nas atividades torcedoras brasileiras. Como continuidade, o texto em questão irá caminhar na busca de interrelações entre a prática da deriva e as viagens de torcedores em suas diferentes torcidas organizadas do mesmo clube, mantendo a organização e as características de interação com os espaços urbanos, fronteiras, territórios e territorialidades. Para isso, seguiremos com o exemplo das viagens que acompanhamos junto das torcidas organizadas do Flamengo para os jogos contra Cruzeiro e Atlético Mineiro durante o período compreendido entre 2022 e 2024.

O viajar entre estádios e estados como possibilidade e desafio para as torcidas organizadas de futebol

Gastón Gil (2006) tentando expressar a ludicidade das viagens, nos diz que esses momentos, justificados pela necessidade de “te seguir a todo lado”, se transformam em uma instância criadora de

práticas materiais que permitem a criação de conhecimentos, tradições e diferentes expressões culturais. O viajar para Gil, se demonstra como chave de entendimento tanto para o processo metodológico de uma etnografia como a realizada por ele, quanto para também o seu desenvolvimento conceitual. Somando a definição de Gil, Cabrera (2022) nos diz que “as viagens permanentemente reforçam um sentimento de pertencimento coletivo: canções, anedotas ou piadas são narrativas que não se limitam a expressar um movimento. Elas fazem isso” (p. 213, tradução nossa). O deslocamento entre os estados e os estádios é uma atividade de mobilidade territorial – tanto em sua dimensão material quanto simbólica.

Quando dizemos que as caravanas de torcidas organizadas trazem consigo dimensões materiais e simbólicas de território⁴ nos referimos aos processos de apropriação e dominação aos quais estão submetidas. Por exemplo, o itinerário da sede de uma torcida até o estádio para acompanhar o clube se desenrola em processos de dominação do espaço – mediado por relações de poder entre as torcidas e o Estado, por exemplo – visto que todo o raciocínio geográfico em questão deve ser mapeado, planejado e controlado de forma eficiente, seja para evitar ou criar conflitos. Popularmente, os trajetos de viagem são denominados de “pista” e, para estar na pista, é preciso ter estratégias de união e capacidade de resolver situações que se apresentam nos momentos em que estão “à deriva”.

Por outro lado, a dimensão da apropriação se faz presente na seguinte afirmação de G. J. Gil (2006): “a equipe pode perder a partida dentro de campo, mas na arquibancada outro concurso está acontecendo” (p. 336, tradução nossa), ou seja, nas arquibancadas, sobretudo no setor visitante, o que se faz valer é o ato de “copar”⁵ o estádio, experienciando desejos e práticas das realidades humanas. O par dialético dominação-apropriação pode ser relacionado ao universo da deriva e dos deslocamentos torcedores. Para o nosso maior aprofundamento, é preciso saber quais são as torcidas e suas ideologias, visto que a deriva pode mudar de acordo com quem a pratica.

Tradicionalmente, cada torcida surge em um contexto específico e com pautas importantes para suas necessidades de visibilidade e participação, de acordo com a ideologia de seu grupo fundador. As relações entre torcidas são acentuadas a partir da construção de redes de alianças que tem como função proteger os aliados das inimizades construídas no universo do futebol, ressaltando, a partir do movimento de deslocar-se, a necessidade de ser estratégico – no sentido mais bélico – para que o rival não se aproprie

⁴ Rogério Haesbaert (2020 [2004]) em sua obra dedica dois itens (2.2 e 2.3) ao estudo das perspectivas materialistas e simbólicas para compreender o território. Os itens, por sua vez, abordam concepções naturalistas, econômicas e políticas (para a perspectiva material) e, no caso da perspectiva simbólica, concepções culturais e até, em certo ponto, culturalistas.

⁵ O verbo copar, utilizado com frequência nas falas torcedoras, sobretudo argentinas, é semelhante à “invasão” feita por uma torcida visitante ao território de outra, valendo-se para os espaços da cidade sede do jogo ou propriamente o estádio.

de suas simbologias. Quando isso acontece, pode-se afirmar que o imprevisto – e aqui a máxima da deriva – mesmo com uma rota bem estabelecida, apresentou situações que exigiram novas atitudes e soluções.

O viajar rubro-negro frente às suas amizades e inimizades

Adentrando os desafios e as possibilidades que as caravanas apresentam é importante, para compreendermos melhor nossa imersão em campo, discorrer, brevemente, a respeito das torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo em suas maneiras de se organizar territorialmente durante as viagens, principalmente a partir da lógica das alianças com torcidas de outros clubes como suporte, por ser um fator importante na logística das viagens para outros estados e estádios. Sair para acompanhar seu clube é, com certeza, uma possibilidade de se desafiar entre caminhos. Francesco Careri (2017) diz que, quando se navega – utilizando uma metáfora para se referir ao caminhar, mas em nosso caso podemos adaptar ao ato de viajar - é importante saber o momento de parar e, para quem navega em águas estrangeiras – no nosso caso, quem se desloca entre estados - deve se ter a consciência de que é preciso saudar o outro ou ir ao seu encontro (p. 32-33). Podemos entender como saudação a construção de boas relações com torcidas “amigas” e ir ao encontro como o momento do confronto, da violência contra torcidas “inimigas”.

Pensando nas principais torcidas organizadas do Flamengo – por ordem de fundação – temos: Torcida Jovem, Raça Rubro-Negra, Fla-Manguaça, Urubuzada, Império Rubro-Negro e Movimento Nação 12. Tais torcidas, por sua vez, em analogia às “águas estrangeiras”, se deslocam entre estados para saudar o outro – neste ponto, como dissemos, as torcidas que se têm aliança – ou ir ao encontro de conflitos ou tensões com rivais. Sobre as alianças, sabe-se que há uma predominância por atitudes mediadas por reciprocidade, sejam elas amistosas ou violentas. Silva *et al* (2010) vai nos dizer que as alianças fazem parte da:

(...) lógica de receber as “torcidas-irmãs” em jogos (...) e ser recebido por elas em jogos fora de casa é o principal fator motivacional para a constituição de parcerias. As rivalidades, novamente, se dão a partir de rivalidades já constituídas pelos clubes (Silva et al, 2010, p. 19).

Diante disso, pode-se dizer que o papel do clube – enquanto construtor de relações de pertencimento - reflete diretamente nas alianças entre torcidas para que o processo do viajar seja não só mais seguro, mas também mais fraterno entre os grupos. Importante para o desenrolar de nosso texto e para a compreensão das situações – de perigo ou apoio que podem surgir nas caravanas – o sistema de alianças entre torcidas organizadas de futebol no Brasil nos auxilia, diante do par amizade-inimizade, diretamente condicionado pela rivalidade, no entendimento das problemáticas acerca da violência no

futebol (Cabrera et al, 2024). A presença de relações amistosas entre as torcidas de Flamengo e Cruzeiro e as relações conflituosas entre Flamengo e Atlético Mineiro, nos demonstram que a existência da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro, somada à aliança com o lado rubro-negro pelos celestes, impacta diretamente na gestão e na mobilidade territorial torcedora, concordando com o que é exposto por Silva et al (2010). Quanto ao panorama das alianças entre as torcidas de Flamengo e Cruzeiro temos:

Quadro 01: Alianças entre as torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo e Cruzeiro Esporte Clube

Flamengo	Cruzeiro
Torcida Jovem do Flamengo	Torcida Pavilhão Independente
Raça Rubro-Negra	Máfia Azul Cru-Fiel Floresta
Torcida Fla-Manguaça	Torcida Alcoolizada Cachazeiros
Urubuzada	China Azul
Império Rubro-Negro	China Azul
Nação 12	Torcida Fanati-Cruz

Fonte: Redes sociais das torcidas (2025); Org: Autor (2025).

O sistema de alianças tem como organização central a compreensão a partir dos conflitos entre relações de amizade e inimizade, orientando também a maneira como outras torcidas do mesmo clube devem se relacionar. Exemplificando, torcidas como Jovem do Flamengo e a Raça Rubro-Negra tem alianças com a Pavilhão Independente e a Máfia Azul, tradicionalmente conhecidas por envolvimento em casos de violência. Por outro lado, torcidas como a Fla-Manguaça e a Cachazeiros, se relacionam a partir do denominador comum de pertencimento, no caso delas, o consumo de bebidas alcoólicas.

Entender o movimento das alianças entre torcidas aliadas é a chave para compreender como a deriva do viajar pode ser modificada e, conseqüentemente, rerepresentada em outras perspectivas a partir do adversário da partida. Contra o Cruzeiro, atividades de recebimento e encontro entre membros (em churrascos e confraternizações pré e pós-jogo) ocorrem com diversas facilitações do poder público e órgãos de controle e segurança. A respeito do encontro das torcidas, sobretudo em locais como as sedes, Toledo (1996) nos fala:

Concretamente nas sedes existe a possibilidade das pessoas se reconhecerem na partilha de valores, visões de mundo, aspirações bastante congruentes. As sedes são espaços vivos de pertencimento a estes grupos e de reconhecimento frente a outros. (Toledo, 1996, p. 51).

É a partir das aspirações congruentes de torcidas simpatizantes que o ritmo da viagem se torna diferente, pois a lógica bélica de dominação dos territórios não encontra lugar no “temor da insegurança” (Haesbaert, 2014) que os conflitos podem vir a ter. Esta questão se deve, com certeza, ao aparato

proporcionado pelas alianças. Ou seja, para exemplificarmos: o que é percebido em jogos entre Flamengo e Cruzeiro se direciona mais para uma perspectiva de amizade e respeito entre as partes – característica que se manifesta para além do recorte dos torcedores organizados, sendo percebida também entre os torcedores comuns, seja no Mineirão ou no Maracanã. É evidente também que as alianças se solidificam para dar o suporte necessário para a chegada dos torcedores em segurança, evitando, dessa forma, qualquer contratempo.

O contrário, por sua vez, não se apresenta quando o jogo é realizado contra o Atlético Mineiro. Os clubes, e conseqüentemente as torcidas, alimentam uma rivalidade construída desde os anos 80, protagonizando grandes pelepas dentro de campo e nas arquibancadas. Se a condição para a ocorrência da deriva está ligada a pluralidade de situações que podem surgir em seu caminho, as caravanas para jogos entre os dois clubes mobilizam um maior contingente populacional – de torcedores, efetivo de segurança pública e serviços em geral. Há uma estética bélica entre estes dois times. Visando evitar o conflito, e de acordo com nossas experiências de campo, nas partidas contra o Atlético o aparato policial é mais rígido com os torcedores visitantes, assim como nos momentos de revista e escolta até o estádio, o que por um lado, auxilia na segurança dos torcedores e por outro, flerta com possibilidades de repressão policial, problema comum no universo do futebol e das torcidas. Jogos contra o Cruzeiro, novamente pelo caráter da aliança, tendem a ser mais flexíveis, mesmo com a possibilidade de confrontos por “emboscadas” vindas de atleticanos em pontos estratégicos de um território conhecido por eles.

Para a construção do que chamamos de “viajar rubro-negro”, a escolha metodológica de acompanhar as partidas na condição de visitante contra os clubes do estado de Minas Gerais se deu por uma questão particular do pesquisador, visto que possui boas relações com torcedores cruzeirenses e, conseqüentemente, se sente melhor. Dito isso, durante os anos de 2022 até 2024, a pesquisa acompanhou *in loco* 5 partidas contra o Clube Atlético Mineiro em três estádios da capital mineira: Mineirão, Independência e a recém inaugurada Arena MRV (de propriedade do clube). Contra o Cruzeiro, por sua vez, estivemos presentes em três confrontos realizados, sendo dois no Mineirão e um no Independência.

O fator do estádio – menos potente em jogos contra o Cruzeiro pela amizade entre torcidas – também se coloca como um difusor do termômetro que a viagem se desenvolverá. Explico: o itinerário para jogos contra o Atlético aumenta a euforia torcedora à medida que se ultrapassam os limites e fronteiras e se aproxima cada vez mais do estádio. Como dissemos anteriormente, na saída dos torcedores para a estrada, o clima de tensão e a aura do belicismo pouco se manifestam, no entanto, quando se atravessa a fronteira entre os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, a animosidade torcedora (mesmo

com a escolta fazendo a segurança) é outra. E, por fim, quando se está na porta do estádio – aqui influenciados diretamente pelo calor da partida – o belicismo, apoiado por um *ethos* de masculinidade, se manifesta nas tradicionais palavras de ordem (ao ataque, em grande parte) sobre os adversários.

Poderíamos aqui relatar o momento de saída e retorno dos torcedores ao seu território, porém entendemos que focar nessas características tornaria nossa pesquisa redundante. Um único adendo necessário e que se relaciona diretamente com a deriva diz respeito ao fator do resultado da partida, pois a vitória ou a derrota possibilitam a construção de situações que determinam como a viagem vai terminar. Quando se ganha, a reação emocional dos torcedores tende a ser mais condicionada aos momentos de alegria e descontração, enquanto na derrota tendencialmente momentos de estresse e organizações de protesto contra o clube e sua má exibição.

Haja o que houver, passe o que passar, onde for jogar, sempre vou estar

A dinâmica das viagens apresenta, em sua natureza geográfica, os processos de territorialização das práticas torcedoras em contextos de dominação e apropriação dos espaços em suas relações de poder. Além disso, em um olhar teórico-metodológico, “permitem que se modifique a experiência habitual do campo como um espaço físico fixo. Importam os deslocamentos e as fronteiras; os cenários e as temporalidades; as possibilidades e os limites de um “objeto” itinerante” (Cabrera, 2021, p. 204, tradução nossa). Ou seja, a dimensão da viagem - enquanto categoria nativa ou modo de vida - traz a possibilidade de se espacializar em outros territórios, retratando, dessa maneira a dinâmica de uma experiência urbana variável e, de certa maneira, imprevisível.

Concordando com estudos como os de Cabrera (2021; 2024) e Gil (2006) conseguimos compreender a importância que as viagens tem na construção da identidade torcedora, ainda que ambos estivessem observando as respectivas ocorrências desde o fenômeno das *barras* bravas na Argentina. Dessa maneira, é mister observar que as caravanas – conceituadas pelo autor como *viajes*⁶, em virtude da língua nativa do pesquisador e por caravana ser um termo abasileirado pela cultura das torcidas organizadas – possuem como característica de organização a partir da dinâmica e da produção dos espaços a serem conhecidos, levando em conta fatores como o sistema de alianças e a necessidade de se “copiar” o estádio adversário. O caráter transitório de uma torcida se motiva, portanto, por “uma estética

⁶ As “viajes” argentinas, são diferentes nas maneiras de se organizar quando comparadas às caravanas brasileiras. Um ponto que as diferencia, por exemplo, diz respeito a quantidade de torcidas que se deslocam para acompanhar seus clubes. Na Argentina, uma *barra* representa a única forma mais organizada de torcer, sendo divididas por níveis hierárquicos de prestígio. Já no Brasil, a pluralidade de torcidas organizadas faz com que cada uma tenha sua própria liberdade para e como se deslocar.

de autoridade que busca apropriar territórios ao mesmo tempo que os ressignifica” (Cabrera, 2021, p. 207, tradução nossa).

Se a estética da autoridade busca se apropriar dos territórios e os ressignificar, em jogos de torcidas-irmãs isso pode ter outra lógica: a das emoções e dos entrelaçamentos de relações, indo de encontro com os escritos de Jacques (2003).

Podemos sintetizar que o nosso olhar para o deslocamento urbano das caravanas de torcida, é repleto de intercorrências e situações que aparecem e desaparecem ao longo dos percursos. Por exemplo, em um dos jogos contra o Atlético no ano de 2024 dois ônibus quebraram, sendo preciso pensar uma solução para os torcedores não ficarem “à deriva”. Como alternativa, em espécie de solidariedade entre torcedores do mesmo time, os adeptos foram realocados em diferentes ônibus para poder chegar e assistir à partida, mantendo a integridade e segurança dos demais – ainda que para além da capacidade racional e segura de transporte populacional.

É sobre saber lidar com as situações que aparecem no urbano e construir, em conjunto, soluções rápidas e importantes para o problema. Toda essa situação lembrou um grande lema da Torcida Jovem, “Unidos Venceremos”, ou seja, o que importa, independentemente das circunstâncias, é seguir o seu clube e estar presente onde ele estiver.

Considerações finais

Entendendo assim o quão rico foi o pensamento situacionista e os movimentos construídos pela Internacional Situacionista, o presente trabalho buscou relacionar os conceitos de deriva e psicogeografia para entender o universo das viagens realizadas por torcidas organizadas, visto que, respeitando suas características, também é bastante rico. Além disso, enquanto característica da deriva, a relação para com a sociedade se caracterizou na perspectiva da construção de situações. Estas, por sua vez, estão direcionadas as dinâmicas de uma torcida e seus componentes para seguir seu time onde quer que ele esteja.

Notoriamente, a condição de torcedor é algo que permite a possibilidade de se construir vivências, sociabilidades e maneiras de se transpor as barreiras sociais, tal qual Toledo (2000) nos mostra. A condição de torcedor organizado, portanto, proporciona a possibilidade de se experienciar movimentos para além do estádio enquanto forma e estrutura e isso pode ser percebido a partir dos exercícios de deriva. Para além de uma psicogeografia, experienciar as caravanas enquanto forma de se multiterritorializar em suas

vivências e compreensões de emoções em uma relação clube, torcidas e torcedores organizados e suas viagens.

Por tudo isso, o presente trabalho pretendeu explorar as perspectivas da deriva enquanto instrumento de análise prática, compreendendo essas agremiações como ferramentas de construção de dinâmicas urbanas entre estados e estádios. Além disso, as caravanas se constituem como ferramentas importantes para a manutenção destes grupos e suas diferentes maneiras de valorizar arquibancadas e suas vivências urbanas.

Referências

ALABARCES, Pablo. ¿De qué hablamos cuando hablamos de deporte? **Nueva Sociedad**, v. 154, p. 74-86, 1998.

ALABARCES, Pablo. Fútbol, violencia y política en la Argentina: ética, estética y retórica del aguante. **Esporte e sociedade**, n. 02, 2021.

BALE, John. In the shadow of the stadium: football grounds as urban nuisances. **Geography**, p. 325-334, 1990.

CABRERA, Nicolás. Las derivas del viajar: apuntes para un análisis itinerante de una barra del fútbol argentino. **Revista de Antropología y Sociología: Virajes**, v. 23, n. 1, p. 201-221, 2021.

CABRERA, Nicolás. **Que la cuenten como quieran**: pelear, viajar y alentar en una barra del fútbol argentino. Prometeo, 2024.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gil, 2017.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, p. 19-42, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores. Dissertação de mestrado. UFRGS, 1998.

DIAS, Juliana Michaello M. “O grande jogo do porvir”: a Internacional Situacionista e a idéia de jogo urbano. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 2, p. 210-222, 2007.

FERNANDES, Rodrigo; FERNANDES, Ulisses. Guy Debord e a internacional situacionista: amparo à geografia na crítica à cidade moderna. **Caminhos de Geografia**, v. 18, n. 62, p. 104-113, 2017.

GIL, Gastón Julián. "Te sigo a todas partes": Pasi3n y aguante en una hinchada de f3tbol de un club del interior. **Intersecciones antropol.**, Olavarría , n. 7, p. 333-348, dic. 2006 . Disponible en <https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-373X2006000100024&lng=es&nrm=iso>. accedido en 06 jun. 2025.

HAESBAERT, Rog3rio. **O mito da desterritorializa33o**: do " fim dos territ3rios" 3 multiterritorialidade. 2004. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2020.

HAESBAERT, Rog3rio. **Viver no limite**: Territ3rio e multi/transterritorialidade em tempos de inseguran3a e conten33o. Bertrand Brasil, 2014.

HELAL, R. e GORDON, C. A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o s3culo XXI. ECOPO3S – Publica33o da P3s-Gradua33o em Comunica33o e Cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

HELAL, Ronaldo George. Futebol, Cultura e Cidade. **Logos**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 5-7, out. 2014. ISSN 1982-2391. Dispon3vel em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/13369/10240>>. Acesso em: 10 junho 2024.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, arte e pol3tica: a catarse e seus efeitos na representa33o do torcedor. **Organiza33es & Sociedade**, v. 16, p. 123-140, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; RODR3GUEZ AGUILAR, On3simo Gerardo. **Torcidas organizadas na Am3rica Latina: estudos contempor3neos**. 2017.

JACQUES, Paola Berenstein. Breve hist3rico da Internacional Situacionista–IS. **Arquitextos**, S3o Paulo, ano, v. 3, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhan3as com outros grupos de torcedores da Am3rica do Sul e da Europa. **Revista espa3o acad3mico**, v. 9, n. 104, p. 75-83, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conex3es**, v. 1, n. 2, p. 46-46, 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. 3 Geografia dos Esportes: uma introdu33o. **Scripta Nova: revista electr3nica de geografia y ciencias sociales**, 1999b.

MASCARENHAS, Gilmar. Do espaço colonial ao espaço da modernidade: os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Scripta Nova—revista eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona**, n. 45, p. 7, 1999c.

SILVA, Silvio Ricardo da et al. As torcidas organizadas de minas gerais: relações, organização e manifestações. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 13, n. 4, 2010.

SILVA, Sílvia Ricardo da; DE SOUZA NETO, Georgino Jorge. Da Assistência e Pertencimento Clubístico em Belo Horizonte: A construção de um novo hábito em uma nova cidade. **Fronteiras**, v. 12, n. 22, p. 61-88, 2010.

SILVA, Juliana Nascimento da. Representação torcedora e território urbano: debates sobre violência e cidade a partir da torcida organizada Raça Rubro-Negra. **Faces de Clio**, v. 8, n. 15, p. 112-130, 2022.

SIMÕES, Irlan. **A produção do clube: poder, negócio e comunidade no futebol**. Mórula Editorial, 2023.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro, 2013.

AUTOR. Violências no Futebol Brasileiro: Relatório do Observatório Social do Futebol, N.1. Rio de Janeiro, FCS/UERJ, 2024. E-book. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/relatorio-violencias-no-futebol-brasileiro/>

SPÓSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. **Rio de Janeiro, PPGSA/IFCS/UFRJ**, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Autores Associados, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade de São Paulo, 2000.